



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal:

O SEculo

N.º 724

Cento de Natal

* Por Manuel Ferreira *



QUANDO chegou aos princípios de Dezembro, o senhor Prior chamou à sacristia as crianças que frequentavam a catequese e disse-lhes, com a voz repassada de doçura: — Meus meninos, em vinte e cinco de Dezembro lembrar-se-á, nesta igreja, o nascimento de Jesus. É dia de Natal e, este ano, lembrei-me de que o Presépio que se costuma expor no altar-mór, seja todo êle construído e enfeitado com ofertas dos meninos. Todos devem trazer qualquer lembrança: — madeira para a construção, algodão para figurar a

neve... Enfim, aquilo que puderem. Entendidos?

O bando de crianças exultou. Iriam concorrer para o Presépio. Todos a uma, resolveram colaborar na iniciativa do bondoso senhor Prior.

Dai a dias, o menino Sancho, sobrinho do morgado da Várzea, trazia para o Presépio uma graciosa imagem da Virgem, de vestes ricas. A Libânia, filha do doutor Andrade, vinha com um S. José. O Joãozinho, filho do carpinteiro, trazia as tábuas precisas. A Amêlinha, do lagar, oferecia o azeite para a lamparina dada pelo filho do Luiz vidraceiro.

Tôda a criãçada conhecia, mais ou menos, a abastança.

Alli, a bem dizer, só havia uma pobrezinha: — a Leonor. O pai havia muito que descansava à sombra dos ciprestes do pequenino campo santo da vila. A mãe trabalhava, exaustivamente, para que coisa alguma faltasse à sua

querida filha. Quando o senhor pároco falava no Presépio, a pequena entristecia e em seus olhos ballava teimoso pranto. Sim, tão humilde que podia ela oferecer a Jesus?

Não desanimou. Dias depois, quando na volta do chafariz, pensava na solução do caso, encontrou o Jerónimo, companheiro da catequese. Vinha acompanhado do pai que trazia um carrinho com feno para tapar o Presépio. No carro, vinham, também, alguns molhos de flores campestres.

Leonor teve uma idéa. Preguntou ao Jerónimo:

— «Onde encontraste tu essas flores tão lindas?»

O pai do pequeno respondeu, sorrindo:

— «Lá longe, atrás daquelas serras, junto dum penedo, ao pé duma seara do meu sogro.»

— «É muito longe?» — perguntou Leonor.

— «Muito. Tu não aguentavas o caminho, se pensasses em lá ir.»

A pequenita voltou para casa. No dia seguinte faltou à catequese. Procuraram-na na aldeia mas em vão. Ao cair da tarde, era véspera de Natal, a pequenina, exausta, arranhada pelas silvas, ferida nos pedregulhos, trouxera um ramo de flores lindas, campestres, dum aroma suavíssimo.

Foi oferecê-las ao senhor Prior. Nada mais podia dar a Jesus, mas, de-certo,





ali não estava prenda obtida com tão boa vontade e sacrificio.

No dia de Natal, Leonor, cheia de febre, não podia levantar-se da cama; porém, pouco antes da hora em que se ia inaugurar o lindo Presépio, adormeceu e sonhou que uma criança, loira e formosa, com uma túnica azul, aparecera junto dela, dizendo, enquanto um raio de luz lhe afagava o oiro dos cabelos:

— «Venho agradecer-te, Leonor, a prenda que deste para o meu Presépio, para mim a mais querida de tôdas. Para a conseguires, adoceste, mas eu não quero que deixes de assistir à festa.»

Leonor acordou e sentiu-se restabelecida. Quando chegou ao Presépio,

ficou assombrada. O Menino que no sonho a procurara e lhe restituira a

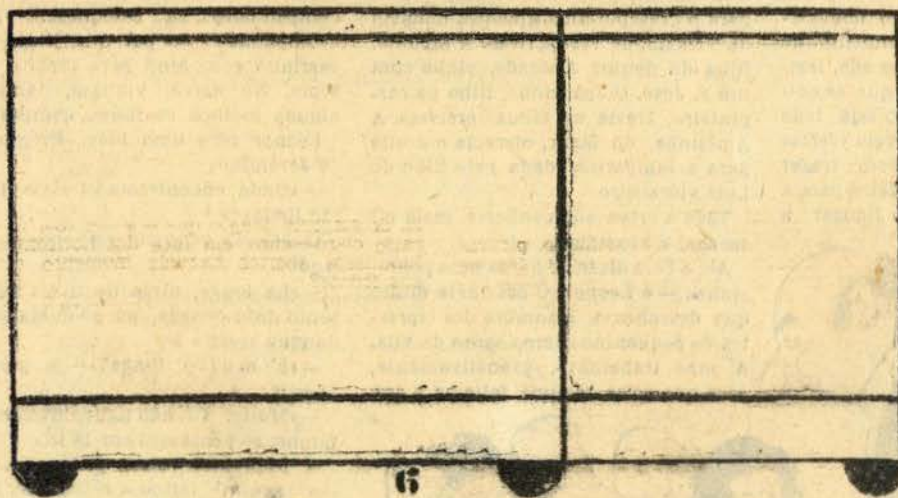


saúde, era o dulcíssimo Jesus, que, nas palhinhas, sorria com enlêvo.

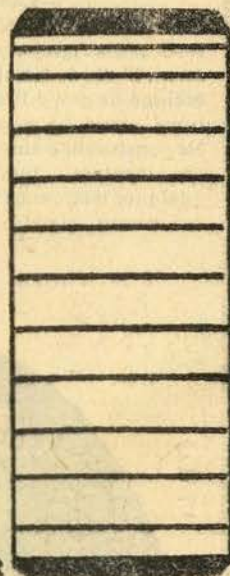
Fôra um milagre!

Os sinos tocavam e as flores que a pequenina oferecera a Jesus, enchiam a igreja de um aroma suavissimo...

Sim



6



2e 3

FRAGMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO PARA ARMAR
 «UM JARDIM ZOOLOGICO» VIDE PAGINA 6

DOIS FINÓRIOS

por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

UM certo pardalito, vivo e azougado, mas muito mandrião, tinha por companheiro o espertalhão dum melro.

Os dois passavam a vida a parafusar na forma de bem viver com pouco trabalho.

No meio duma seara que havia ali perto, um espantalho afugentava-os com os seus braços gigantesco e darem ao vento, e o ladino pardal, para mostrar a sua valentia, fez uma aposta com o amigo melro, em como seria capaz de lhe pousar em cima.

Uma bela tarde, fazendo das fraquezas forças, com o coraçãozinho a bater amedrontado, conseguiu o seu intento!

A princípio, receoso, depois, mais afoito, pousou, ao de leve, no mostrengo de trapos.

Como visse que nada tinha que temer, visto o boneco não dar mostras de cousa viva, o bom pardalito, cheio de si, chamou o melro que, de longe, assistia à proeza, e nunca mais os dois espertalhões deixaram de roubar os grãosinhos da seara.

Andavam gordos e anafados que era um gósto vê-los! Mais além, no pomar, outro espantalho guardava as ginjeiras carregadinhas de linda ginja apetitosa. Logo o amigo do bico amarelo, começou a cubicá-las e disse para o pardal:

— Que frescas e madurinhas aquelas ginjas estão! Francamente gostava de variar de iguaria! Porque não experimentas tu entrar no pomar, a vêr como te recebem?

— Isso é bom de dizer! Mas tenho de me entender com o guarda e este usa chapéu alto! Mete respeito, não te parece?

— É capaz de ser da mesma força do outro! — insistiu o melro — Atrave-te, com êle! Anda, anima-te!... E, dando um assobio trocista, empoleirou-se num choupo bem alto, a observar o companheiro.

Val o outro, todo lampeiro, quiz fazer boa figura, e, assim que o vento deixou de agitar as roupas do espantalho, pôs-lhe um pésninho em cima do chapéu. O homem de trapos não tugi, nem mugiu!

O pardal, então, pensou consigo:

— Pelo visto, sempre é parente do outro da seara! Tem mau aspecto, mas é boa pessoa!

Saltitando, muito contente da sua vida, chegou-se a um ramo ajeitado de belas ginjas, meteu-lhe o bico e sorveu, deliciado, o saboroso suco.

Ao vêr o bom resultado daquele trabalhinho, o velhaço do melro voou logo para junto do amigo, e, desde essa ocasião, nunca mais deixaram de visitar, todos os dias, as ginjeiras. Estas, furiosas, juraram vingar-se daqueles atrevidos que, assim, as iam deixando despidas de fruta.

Os espantalhos, indignados, também resmungavam:

— Que desaforo! Que falta de respeito! É um vexame tirarem-nos, assim, o prestígio que gosavamos! Como havemos de nos livrar de semelhantes atrevidos?

A ginjeira mais forte do pomar, lembrou-se, então, de erguer um ramo e dar com êle tamanha bordoada na cabeça dos gulosos larápios que os deixasse de bico para cima!

Ora, naquela ginjeira vivia um vespeiro, e uma das vespas ouviu a conspiração.

Como era amiga do pardalito, foi logo meter-lhe no bico

que as árvores estavam tôdas tramando dar cabo d'êle, mais do companheiro.

O pardal contou tudo ao melro, e este ficou assoblando um bom quarto de hora, à procura dalguma ideia que os livrasse das árvores vingativas.

Por fim, coçou a cabeceira, exclamando:

— Achei a maneira de intrujar aqueles forretas que não nos deixam, à vontade, encher o papinho!

Sei do ninho duma andorinha que fica no beiral dum certo telhado. Para lá iremos morar e, assim, não darão connosco.

O pardalito bateu as asas, divertidíssimo com a partida. Depois, disse, pensativo:

— Precisamos arranjar um disfarce, senão pilham-nos logo!

— Tens razão! Deixaremos de ser melro e pardal e tornamo-nos andorinhas.

— Olha lá, como queres tu mascarar-nos assim? — perguntou, muito interessado, o pardal.

— Tu, que és a modo acastanhado, tens de te enfarruscar. A' entrada da quinta, há montes de cisco; trata de te espojar em cima d'êles, ficarás logo escurinho como as andorinhas.

— Mas falta-nos o peitilho de jaspe! — tornou o outro, penalizado.

— Lá adiante, os operários têm espalhado cal no pátio da herdade. Com jeitinho, iremos roçar-nos nela, até ficarmos com o peito todo branquinho. Percebeste?

O pardal escancarou o bico de admiração.

— E que dirá a comadre andorinha, quando der connosco instalados no seu ninho?

— Segue os meus conselhos. A seu tempo, veremos o resto — disse o farçante, avançando em direcção à herdade em busca da ambicionada cal.

O pardalito também o seguiu, apressado, a tratar do seu disfarce. Quando, daí a pouco, se encontraram, vinham tão bem mascarados, que, se não fôsse o bico amarelo dum e a pequenês do outro, por um pouco não se conheçam.

(Continua na página 5)



CHICO TORNIQUETE

O ÁS DO AUTOMOBILISMO MUNDIAL

(Continuado do número anterior)

E quando toda a multidão se afastou, ele, saltando com dificuldade do seu caricato posto de observações, largou a correr e, apanhando o avião, dentro em pouco elevava-se no espaço, sobrevoando, a toda a velocidade, o grande herói Chico Torniquete.

O tempo, porém, começou a encobrir-se e uma medonha tempestade se presentia agora. Grossas nuvens se avolumavam no espaço e, para o Sul, já se viam os clarões dos relâmpagos.

Chico Torniquete envergava o seu casaco de coiro quando, de súbito, o temporal estalou, com todo o fragor e violência. Cruzavam-se, no espaço, os relâmpagos, num falcão aterrador e medonho. A chuva caía em batedas diluvianas.

E, de súbito, alguma coisa de extraordinário se passou, enquanto Chico Torniquete zulava o seu automóvel a toda a velocidade.

Uma forma redonda e irreconhecível, desprendendo-se do espaço, foi cair, como uma bola de algodão em rama, na porta de trás do carro de Chico Torniquete. O nosso herói não deu por nada em virtude do fragor da tempestade.

Agora vou explicar-lhes o que se passou: — Tragicamente arrebatado pela tempestade, o avião de Nicolau Rebola desfez-se, positivamente, no espaço e o bandido, de roldão, girando no ar, por extravagante casualidade do destino, veio cair em chelo dentro do carro do seu inimigo de morte.

Chico Torniquete marchava na vanguarda, prestes a alcançar a meta: — Madrid!!

Nicolau Rebola, entretanto, despertava do seu desmaio e esfregou os olhos, sem compreender o motivo porque se achava dentro dum automóvel que corria a toda a velocidade.

Rápidamente, o seu cérebro maquiavélico iluminou-se e, no seu rosto medonho, desenhou-se um sorriso diabólico.

— «Bravo! — exclamou entre den-

tes. O destino ajuda-me! Tens-me à perna, Chico Torniquete!...»

Silenciosamente, metendo a mão na algibeira do casaco, Nicolau Rebola viu que trazia consigo a sua pistola.

Então, tirou-a, resolutamente, e ia a desfechar, servindo-lhe de alvo a cabeça de Chico Torniquete, quando, num salto de tigre, Bellier que, rápidamente, assistira ao seu gesto e adivinhara as criminosas intenções do bandido, saltou sobre ele, dominando-o em absoluto. Todos os carros pararam. Torniquete, após os primeiros momentos de estupefação, ajudou os seus leais companheiros a amarrar, sólidamente, o bandido, que ficou amordacado no fundo do carro.



tiplicavam-se, e Chico Torniquete não tinha mãos a medir.

Entretanto, na barafunda das aclamações e no entusiasmo do sucesso pela primeira etapa, Nicolau Rebola conseguira evadir-se e, verdade, verdade, Chico Torniquete não pensou mais nele.

A sua alegria era enorme, e a sua coragem extraordinária e já tradicional.

A pesar de saber que, enquanto Nicolau Rebola existisse, a sua vida estaria por um fio, Chico Torniquete, com um sorriso nos lábios, nem se lembrava de que ele existia!...

Se, porém, assistisse ao sorriso diabólico de Rebola, escondido numa modesta pensão de Madrid, talvez tivesse mais precauções para com o seu inimigo de morte...

E, na tarde da partida dos cinco automobilistas para Lisboa, Nicolau Rebola, com a gola do sobretudo puxada até à boca e o chapéu derrubado até aos olhos, safu do seu esconderijo, dirigindo-se a uma casa de aviões, onde comprou um, por alto preço.

O aparelho era óptimo e, depois da devida experiência, Nicolau Rebola, saltando, definitivamente, para ele, elevou-se no espaço, em direcção a Portugal.

Ora voava baixo, ora alto, tentando,



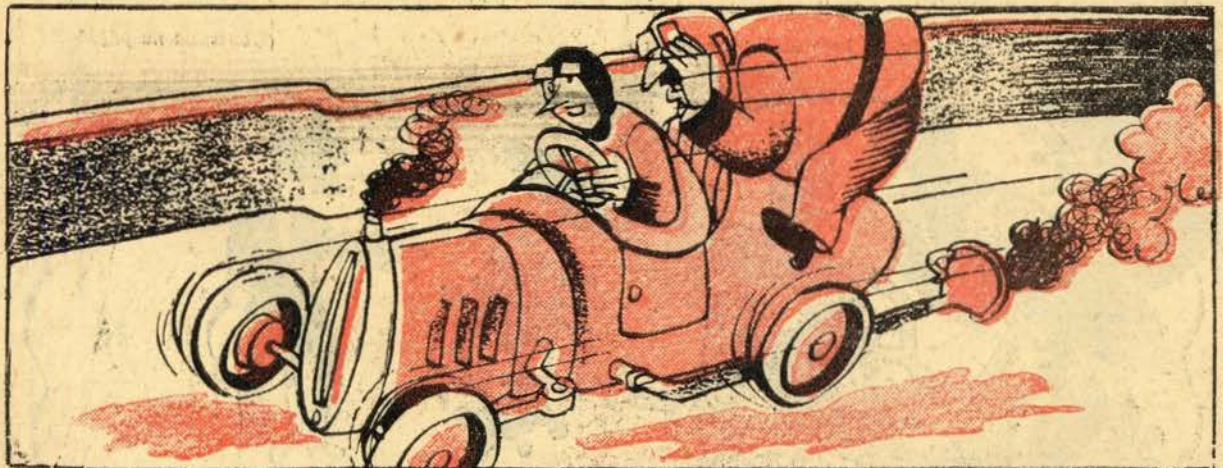
A luz dos relâmpagos que, agora, iam sendo mais raros, o rosto diabólico do bandido apresentava um esgare terrível!

E a corrida continuava vertiginosa, com Chico Torniquete à frente.

A chegada a Madrid foi triunfal! Chico Torniquete era abraçado em delírio, por uma multidão entusiasmada, e até os seus competidores de corrida o festejavam, admirando o grande herói que, apesar de tantos reveses sofridos, conseguia, ainda, vencê-los!

No dia seguinte, de tarde, efectuou-se a solene partida para Lisboa.

Os vivas, as flores, os abraços mul-



A LAGARTINHA EGOISTA

★ ★ Por LAURA CHAVES ★ ★

A Lagartinha anafada, não era nada bem vista no reino da bicharada, por ser bastante egoísta.

Se uma formiga esfamada lhe pedia esmola à porta, ela gritava irritada: — «Se eu tenho pão, que te importa!»

E, certa noite, houve fogo na tocazinha do ralo, os bichos correram logo, ela ficou no seu talo.

Disse, ao saber que o dóninha coitada perdera a fala: — «Como eu tenho saúdinha, a dos outros não me rala.»

Quando a mosquinha ligeira partiu a asa, ao voar, disse não ser enfermeira e nunca a foi visitar.

Detestava os animais dentro do seu egoísmo.



Por isso entre ela e os mais havia um tremendo abismo.

Um dia, o pato ralaço, comeu-a ao seu jantar... Nenhum bicho deu um passo para a lagarta salvar.

O egoísta a todos nega auxílio, ternura ou dó; mas quando a desgraça chega, encontra-se sempre só.

F I M

DOIS FINÓRIOS

(Continuado da página 3)

O melro remirou o amigo, de alto a baixo, e considerou, trocista:

— Estamos perdidos se dão com o teu rabinho! Não lhe chegaste o carvão pela certa! Tens cabeça de andorinha e rabo de pardal! — e, cuidadoso, sentava-se sobre o outro, todas as vezes que tinham de se encafiar dentro do ninho, para ver se o rabinho do pardal não dava nas vistas.

No dia seguinte, da casa onde estava o ninho, ouviu-se uma vozinha de criança gritar: — «Minha mãe! Minha mãe! A andorinha já está no ninho e tem um filhinho pequeno! Dê-me migalhinhas para os passarinhos!» e o pequeno espalhou no parapetto da janela uma porção de migalhas, que o descarado do melro depenicava com toda a sofreguidão. O outro é que, amedrontado com o seu rabinho de pardal, não lhe convinha aparecer, e assim ia passando fome de criar bicho!

Mas o pior da festa foi a volta da andorinha, que ao en-

contrar o seu ninho invadido pelos dois maraus, soltou tamanhos pios que toda a bicharia voadora acudiu, ficando embasbacada, quando viu o logro de que ela era vítima.

Então, todos à uma, saltaram sobre os dois tunantes, e tantas bicadas lhes deram que os pobres, todos depenados, tiveram de fugir espavoridos. Não sabendo doutro refúgio, foram pousar em cima dos espantalhos, onde os outros não se atrevessem a chegar-lhes.

E os monstros de trapos olharam, espantados, aqueles bicharôcos exquisitos, desrabados e repugnantes, sem perceberem que estavam protegendo os dois finórios que tanto lhes tinham arrellado a vida!

■ ■ F I M ■ ■

a todo o custo, avistar os cinco automobilistas... mas nada conseguia. Até que, numa manhã luminosa, avistou, na fita branca da estrada, cinco pontinhos negros, que eram, indubitavelmente, os cinco corredores. Então, aquele diabólico sorriso, já tão nosso conhecido, desenhou-se na sua boca medonha!

E o seu cérebro pensava: — «Ora, porque não hei-de eu utilizar-me das minhas estupendas bombas «Pum-Pum»

e arrasar, definitivamente, o maldito Torniquete, que parece ter sete fôlegos, como os gatos?...»

E começou a subir, sem nunca perder de vista os cinco pontinhos negros que corriam na estrada.

— «Mato os cinco — pensava — mas que me importa?... São cinco bocas a menos, a fazer-me o pão mais caro!...»

E, no seu coração, negro e diabólico, uma grande alegria bailava.

Então, tirou rapidamente a terrível bomba dum saco de coiro que levava consigo e, sem mais hesitações, acendendo-a, lançou-a sobre os carros.

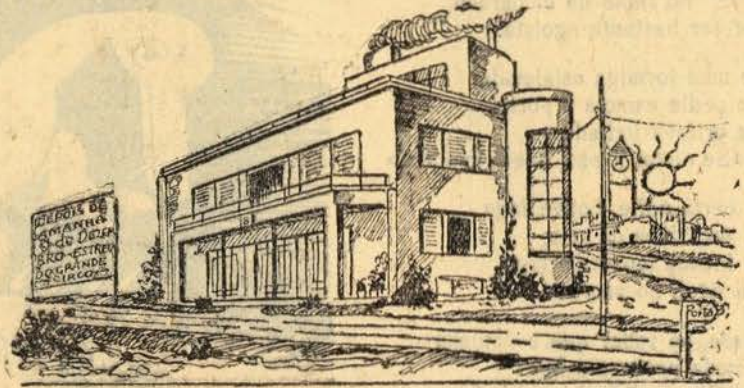
A explosão foi medonha e horrorosa. A estrada não se avistava, completamente coberta com grossas nuvens de fumo e vermelhas línguas de fogo!

(Continua no próximo número)

FRAGMENTOS DA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR UM JARDIM ZOOLOGICO

UM JOGO DE OBSERVAÇÃO A CASA ROUBADA

Tendes 3 minutos para examinar esta gravura



Um larápio acaba de entrar nesta casa, por uma das janelas do rez-do-chão. Levou tudo o que pôde encontrar, partindo ao fim de pouco tempo.

Tendes três minutos para examinar, atentamente, a casa roubada, após os quais, de memória, responderéis ao questionário abaixo.

QUESTIONÁRIO

- | | |
|--|--|
| 1 — Qual o o número da casa roubada? | 7 — Quantas tem na fachada principal? |
| 2 — A que horas foi cometido o roubo? | 8 — Sobre que objecto o larápio saltou para escalar a janela do rez-do-chão? |
| 3 — Em que data? | 9 — A casa é servida de telefone? |
| 4 — Por que janela conseguiu entrar o gatuno? | 10 — A porta da entrada estava aberta ou fechada? |
| 5 — Como conseguiu ele escapar-se? | 11 — No primeiro andar estava alguma janela aberta? |
| 6 — Quantas janelas tem o prédio na fachada lateral da casa? | |

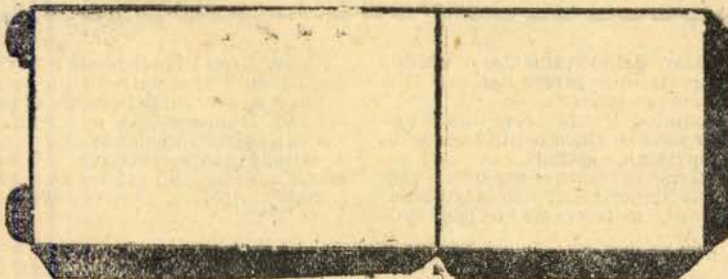
LÊR AS RESPOSTAS NO PRÓXIMO NUMERO

Instruções: — A parte marcada com o número 7, na fôlha da construção inserta na página 8, que representa a cerca do cangurú e do avestruis, correspondem os fragmentos N.ºs 2 e 3.

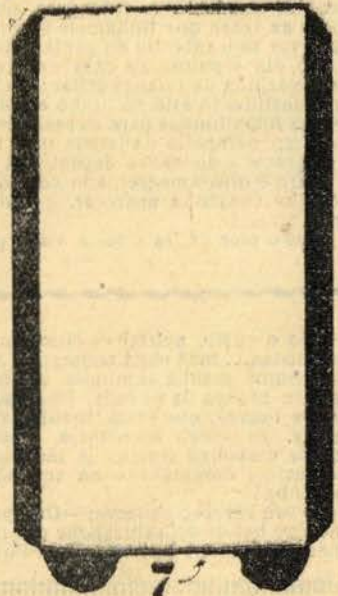
Os números indicam o respectivo lugar, segundo o plano de montagem.

Não esquecer deixar as patilhas para a colagem na base, onde faltarem.

A senhora e o menino colocam-se sentados no banco, dobrando as figuras por forma conveniente.

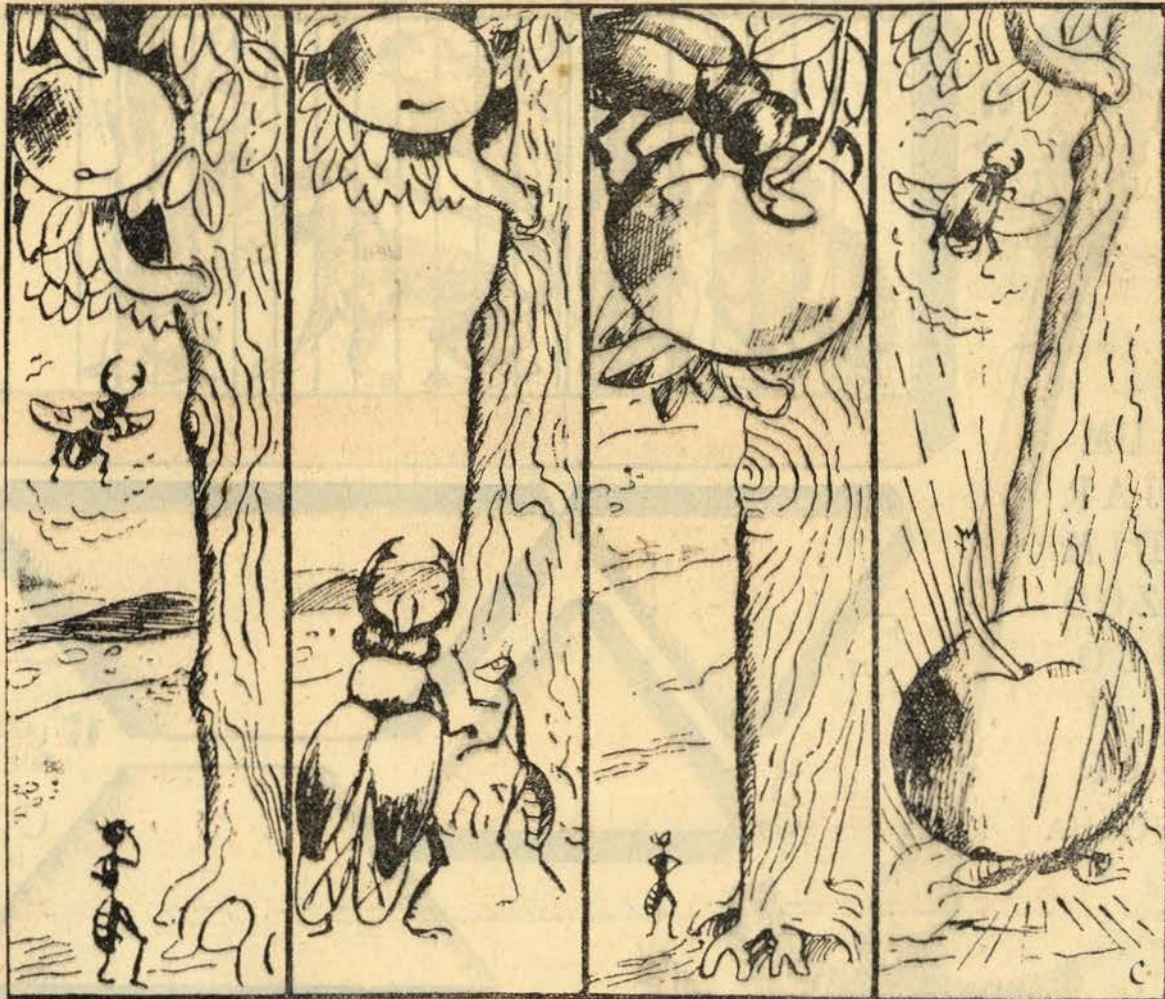


dobrar 2



7

FÁBULA MUDA



Em virtude da manifesta predilecção dos nossos pequeninos leitores pelas legendas a prêmio, pomos hoje a concurso mais uma fábula muda, nas mesmas condições das outras. No próximo número publicaremos o resultado do concurso anterior.

ARTE APLICADA PALAVRAS CRUZADAS

UM ENTRETENIMENTO Por ABELHA MESTRA

FLORINHAS DE PÃO

Quando se quiserem entreter um pouco e não saibam como, experimentem fazer umas pequeninas flores, cuja execução eu vos ensino hoje.

Para isso basta, apenas, um pouco de miolo de pão e uma pinguinha de água, para o amassar até ficar numa massa mole.

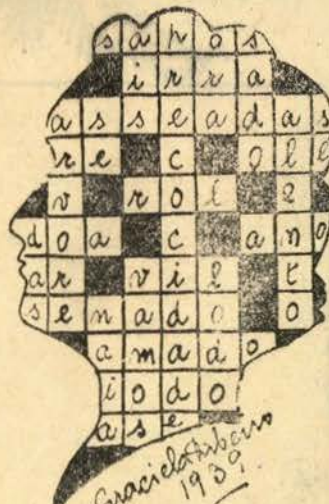
Façam depois uma tira mais larga dum lado do que do outro. Nessa parte



mais, larga façam uns pequenos recortes. Arranjem um pequeno arame com uma bolinha na extremidade e nesta comecem a enrolar a tira pela parte mais estreita. Farão, assim, uma rosa! Uma vez aprendida a rosa, fácil vos será fazer outras florinhas. Isso depende da fantasia da artista! Uma vez bem secas, podem essas flores ser pintadas com anilinas de várias cores e formar, assim, um interessante «bouquet» para usarem na botocira.

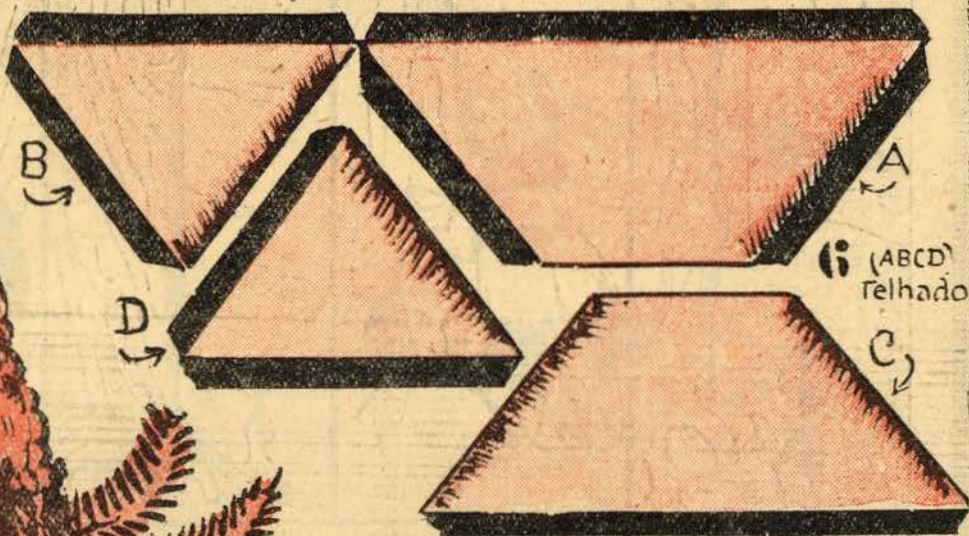
Vossa sempre amiga

ABELHA MESTRA

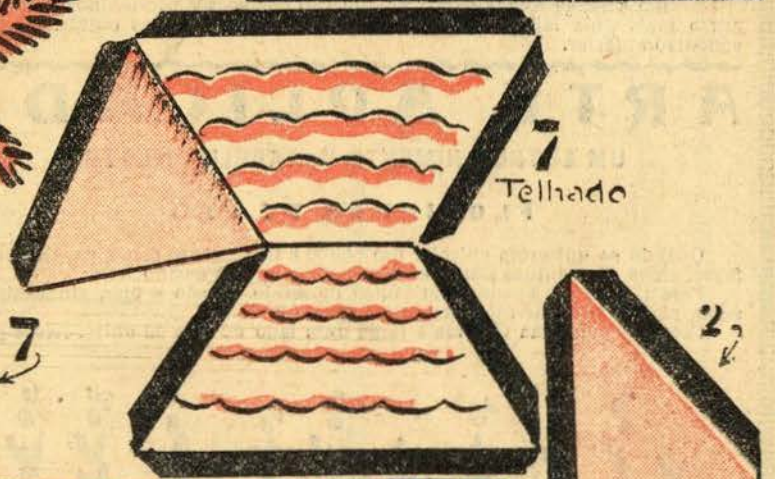


Graciela F. B. 1939

Solução do problema anterior



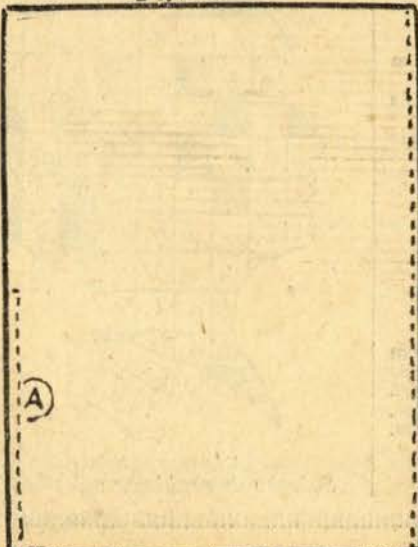
6 (ABCD) Telhado



7 Telhado



2



UM
JAR
DIM
ZOO
LÓ
GI
CO
FOLHA
3

